

Charles Dickens

Um Conto de
Duas Cidades



NOVA CULTURAL

Charles Dickens

Um Conto de
Duas Cidades



NOVA CULTURAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CHARLES DICKENS

UM CONTO DE DUAS CIDADES

Tradução
Sandra Luzia Couto



FUNDADOR

Victor Civita

(1907-1990)

© Copy right desta edição Editora Nova Cultural Ltda., 2011

Todos os direitos reservados

Título original: A Tale of Two Cities

ISBN: 978-85-13-01456-1

Diagramação para ebook Xeriph



© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 – sala 20ª – Jd. Rancho Alegre – Santana do Parnaíba
São Paulo – SP — CEP 06515-200

2011

NOTA EXPLICATIVA

As notas de rodapé estão identificadas no texto por números entre colchetes [1]. Para acessá-las, basta clicar sobre o número e ler a nota. Ao clicar novamente sobre o número, você voltará para o texto.

UMA NOTA SOBRE O TEXTO

Um Conto de Duas Cidades foi publicado pela primeira vez em fascículos, no *All the Year Round*, de 30 de abril a 26 de novembro de 1859, e em oito partes mensais de junho a dezembro do mesmo ano. O romance apareceu sob a forma de volume em novembro de 1859.

PREFÁCIO

Foi quando atuava, com meus filhos e amigos, no drama *The Frozen Deep*, do senhor Wilkie Collins[1], que concebi, pela primeira vez, a idéia central desta história. Havia, de início, uma forte disposição de corporificá-la em minha própria pessoa; e eu esbocei em minha imaginação o estado de espírito do qual um observador atento e particularmente interessado necessitaria para narrá-la. À medida que a idéia foi se tornando familiar para mim, gradualmente foi assumindo, por si própria, a presente configuração. Durante sua execução, ela exerceu completo domínio sobre mim; e agora constato que tudo o que foi realizado e sofrido nestas páginas, estou seguro de ter feito e sofrido eu mesmo.

Sempre que alguma referência (mesmo que superficial) é feita aqui à condição do povo francês antes da Revolução ou durante, ela é produzida de boa-fé, com base em testemunhos fidedignos. É uma de minhas esperanças acrescentar alguma coisa à forma popular e pitoresca de compreender esse período terrível, embora ninguém possa ter a pretensão de acrescentar qualquer coisa à filosofia do livro extraordinário do senhor Carlyle[2].

C. D.

UM CONTO DE DUAS CIDADES

EM TRÊS PARTES

PRIMEIRA PARTE

DE VOLTA À VIDA

CAPÍTULO I

O PERÍODO

Aquele foi o melhor dos tempos[3], foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário — em suma, o período era em tal medida semelhante ao presente que algumas de suas mais ruidosas autoridades insistiram em seu recebimento, para o bem ou para o mal, apenas no grau superlativo de comparação.

Havia um rei com uma grande mandíbula e uma rainha com um rosto inexpressivo no trono da Inglaterra; havia um rei com uma grande mandíbula e uma rainha com um belo rosto no trono da França[4]. Em ambos os países, era mais claro que cristal que as reservas de pães e peixes dos lordes do Estado, que os bens em geral, estavam assegurados para todo o sempre.

Era o ano de Nosso Senhor de 1775. Revelações espirituais eram concedidas à Inglaterra nesse período privilegiado da mesma forma que hoje em dia. A senhora Southcott[5] havia recentemente atingido seu abençoado vigésimo quinto aniversário, e nessa época um profético soldado raso da Guarda Real[6] fazia-se arauto de sublime figura, ao proclamar que arranjos já haviam sido feitos para que Londres e Westminster fossem tragadas pelo abismo. No mesmo pas-so, o fantasma de Cock-Lane[7] fora exorcizado havia apenas uma dúzia de anos, depois de martelar suas mensagens, assim como fizeram os espíritos nestes anos mais recentes[8] (com sobrenatural deficiência de originalidade). Todavia, meras mensagens na ordem terrena dos eventos, que haviam chegado à Coroa Britânica e ao seu povo, provenientes de um congresso de súditos britânicos na América[9], por estranho que pareça, provaram-se mais importantes para a raça humana do que qualquer comunicação já recebida através das galinhas da ninhada de Cock-Lane.

A França, em geral menos favorecida em questões espirituais do que sua irmã do escudo e tridente[10], resvalava morro abaixo com extrema suavidade, fabricando e esbanjando papel-moeda[11]. Sob a liderança de seus pastores cristãos, ela se entretive, também, com realizações humanitárias, tais como sentenciar um jovem a ter as mãos decepadas[12], a língua arrancada por torquês e o corpo queimado vivo, pelo crime de não se ter ajoelhado na chuva para reverenciar uma enlameada procissão de monges que desfilara diante de seus olhos a uma distância de cerca de quarenta ou cinquenta metros. É bastante

provável que, quando aquele sofredor foi levado à morte, já crescessem nas florestas da França e da Noruega árvores marcadas pelo Lenhador, o Destino, para serem derrubadas e serradas em tábuas e servirem à construção de uma certa estrutura móvel, com um saco e uma lâmina[13], da qual a História guardaria terrível memória. É bastante provável que, naquele exato dia, os rústicos telheiros de alguns lavradores das terras barrentas nas adjacências de Paris abrigassem toscas carroças respingadas de lodo, fuçadas por porcos e servindo de poleiro para galinhas, as quais o Fazendeiro, a Morte, já havia separado para o transporte sinistro da Revolução[14]. Mas o Lenhador e o Fazendeiro, embora trabalhassem sem descanso, faziam-no em silêncio e ninguém os ouviu quando se esgueiraram com passos abafados: ao contrário, faziam questão de ignorá-los, visto que alimentar qualquer suspeita de que haviam despertado representava ateísmo e traição.

Na Inglaterra, quase não havia ordem e proteção que pudessem justificar excessiva vanglória nacional[15].

Audaciosos arrombamentos praticados por homens armados e assaltos nas ruas ocorriam na própria capital todas as noites. As famílias eram ostensivamente prevenidas para não saírem da cidade sem antes removerem sua mobília para os guarda-móveis por medida de segurança. O salteador de estradas na escuridão era um respeitável comerciante do centro financeiro à luz do dia, e, ao ser reconhecido e desafiado por seu companheiro de ofício a quem detivera sob o disfarce de “o Capitão”, impavidamente varou-lhe a cabeça com uma bala e afastou-se a galope. O correio foi emboscado por sete ladrões, e o guarda abateu três deles e foi morto pelos outros quatro, “porque sua munição havia acabado”, depois do que o correio foi saqueado com tranquilidade. Aquele magnificente potentado, o Lorde Prefeito de Londres, foi rendido em Turnham Green por um salteador de estradas, que despojou a ilustre criatura sob as vistas de toda a sua escolta. Os prisioneiros das masmorras de Londres travavam batalhas com seus carcereiros, e a lei, em toda a sua majestade, abria fogo de bacamartes no meio deles, carregados com salvas de grãos de chumbo e balas. Gatunos arrancavam crucifixos de diamantes dos pescoços dos nobres nos salões da Corte. Os mosqueiteiros entraram em Saint Giles, em busca de bens contrabandeados, e a turba recebeu-os a tiros, e os mosqueiteiros fizeram fogo contra a turba. Ninguém jamais considerou qualquer dessas ocorrências como fora do comum.

Em meio a tudo isso, o carrasco, sempre ocupado e sempre ineficaz, era constantemente requisitado. Ora enforcando longas filas de criminosos diversos, ora executando no sábado um arrombador aprisionado na terça-feira, ora marcando com ferro em brasa, às dúzias, as mãos de pessoas em Newgate, ora queimando panfletos à porta de Westminster Hall; hoje, tirando a vida de um cruel assassino, e amanhã, a de um gatuno miserável que roubara uma pequena moeda de um camponês.

Todas essas coisas, e mil outras do gênero, passavam-se naquele querido e velho ano de 1775. Cercados por elas, enquanto o Lenhador e o Fazendeiro trabalhavam despercebidos, aqueles dois com grandes mandíbulas, e aquelas outras duas, a do rosto comum e a do belo rosto, caminhavam com estrépito,

ostentando na mão erguida seus direitos divinos. Foi assim que o ano de mil setecentos e setenta e cinco conduziu suas Grandezas e miríades de pequenas criaturas — dentre elas as criaturas desta crônica — ao longo dos caminhos que se estendiam à sua frente.

CAPÍTULO II

AMALA-POSTAL

A estrada de Dover se estendia, numa noite de sexta-feira no final de novembro, à frente da primeira das pessoas com as quais esta história se ocupa. A estrada de Dover estendia-se, igualmente, diante da mala-posta, que subia pensamente a colina de Shooter[16]. Nosso homem caminhava morro acima na lama, ao lado da diligência, como faziam os demais passageiros, não porque tivessem a menor disposição para esse gênero de exercício, consideradas as circunstâncias, mas porque a colina, os arreios, a lama, a malaposta, tudo era tão pesado que os cavalos já haviam chegado a estacar por três vezes, além de uma vez terem atravessado a diligência na estrada, com a amotinada intenção de levála de volta a Blackheath. Rédeas e chicote e cocheiro e guarda, combinados, todavia, estavam cientes do artigo do regulamento militar que se opunha a tal desígnio — o qual, sob outro aspecto, demonstrava que alguns animais brutos são dotados de racionalidade — e os cavalos acabaram por se render, retornando aos seus deveres.

Com as cabeças curvadas e agitando as caudas, eles seguiam em frente amassando a lama espessa, debatendose e tropeçando a cada momento, como se suas juntas estivessem prestes a se desarticular. Sempre que o condutor, após lhes permitir um breve descanso, retomava a marcha, bradando um preocupado “Uo-ho! Andando... ho!”, o líder balançava violentamente a cabeça e tudo o mais sobre ela, como se quisesse negar com toda a ênfase que o coche pudesse chegar ao alto do morro. E sempre que assim procedia, nosso passageiro se sobressaltava, demonstrando nervosismo e perturbação.

Uma névoa úmida vagava, desamparada, dos vales para o cimo da montanha, parecendo um espírito atormentado buscando inutilmente o repouso. Uma pegajosa e fria névoa, que se propagava com lentidão pelo ar em ondas sucessivas como as de um mar insalubre. Era densa o bastante para ocultar tudo da luz das lanternas do coche, com exceção de seu próprio movimento fantasmagórico, e de uns poucos metros de estrada. E o vapor que escapava dos corpos suarentos dos laboriosos cavalos misturava-se à neblina como se dela fizesse parte.

Dois outros passageiros, além do já mencionado, arrastavam-se morro acima ao lado da mala-posta. Todos os três estavam embuçados até os malares e com as orelhas protegidas, e usavam botas de cano alto. Nenhum deles podia distinguir, do pouco que via, as feições dos demais; e cada qual estava tão oculto dos olhos da mente quanto dos olhos do corpo, de seus dois companheiros.

Naqueles dias, os viajantes evitavam confiar em qualquer pessoa que encontrassem pelos caminhos, já que havia grande possibilidade de se tratar de um ladrão ou de alguém associado a um bando de malfeitores. Quando cada posto de correio ou estalagem poderia abrigar alguém a soldo de um capitão de bandoleiros, podendo ser tanto o senhorio quanto o moço dos estábulos, essa era a melhor atitude a tomar. Assim pensava com seus botões o guarda da mala-posta de Dover naquela noite de sexta-feira de novembro de 1775, subindo pesadamente a colina de Shooter, no seu posto na retaguarda da carruagem, cadenciando seu passo e mantendo um olho e uma das mãos no baú de armas diante dele, onde um bacamarte carregado jazia no topo de uma pilha de sete ou oito pistolas grandes também carregadas, depositadas por sua vez sobre uma camada de punhais e adagas.

A mala-posta de Dover estava, como de hábito, na estimulante situação em que o guarda suspeitava dos passageiros, estes desconfiavam uns dos outros e do guarda, o grupo inteiro suspeitava de todos os demais, e o cocheiro só confiava nos cavalos, apesar de ser capaz de jurar sobre o Novo e o Velho Testamento que aqueles animais não chegariam ao final da jornada.

— Uo-ho! — o cocheiro bradou. — Calma! Só mais um pouco e alcançarão o cume e depois podem ir para o inferno, que já tive problemas demais para conduzi-los até aqui!

— Joe!

— Olá! — o guarda respondeu.

— Que horas tem aí, Joe?

— Uns bons dez minutos depois das onze.

— Com os diabos! — imprecou o cocheiro. — E ainda nem chegamos ao alto do Shooter! Tsk! Iááá! Andem, seus preguiçosos!

O enfático cavalo, surpreendido pelo chicote no meio de uma de suas mais decididas negativas, produziu um decidido avanço em resposta, no que foi imitado pelos outros três cavalos. Uma vez mais, a mala-posta de Dover foi sacolejada, com as botas de cano alto dos seus passageiros chapinhando ao lado. Eles haviam parado juntamente com a carruagem, mantendo-se bem perto dela. Se algum dos três houvesse tido a audácia de propor a outro que caminhassem um pouco à frente em meio à névoa e à escuridão, teria se arriscado a ser tomado por um assaltante e levar um tiro na mesma hora.

Uma última arrancada levou a mala-posta para o alto da colina. Os cavalos se detiveram para recuperar o fôlego, e o guarda apeou para calçar a roda [17] para a descida e abrir a portinhola para os passageiros entrarem.

— Tsk! Joe! — o cocheiro gritou em tom de alarme, olhando para baixo de sua boléia. — Você ouviu isso?

— O que você acha que é, Tom? Ambos aguçaram a audição.

— Acho que um cavalo vem subindo a meio galope, Joe.

— Pois eu acho que o cavalo vem a galope inteiro, Tom

— retrucou o guarda, largando a porta e retornando a seu posto. — Cavalheiros! Em nome do rei, todos vocês! — gritou, pedindo auxílio.

Com essa apressada convocação, ele engatilhou o bacamarte e assumiu uma postura ofensiva.

O passageiro personagem de nossa história já havia pousado o pé no estribo para entrar no coche, com os outros dois vindo logo atrás. Parou no degrau, meio no coche e meio fora, enquanto os demais permaneciam na estrada, abaixo dele. Todos olharam do cocheiro para o guarda e do guarda para o cocheiro novamente, escutando. O cocheiro e o guarda olharam para trás, e até o cavalo obstinado levantou as orelhas e voltou a cabeça, desta vez sem discordar.

O silêncio resultante do cessar dos ruídos da mala-posta, acrescido do silêncio da noite, fazia tudo parecer demasiado quieto. O resfolegar dos cavalos estremecia a carruagem, como se ela própria estivesse tomada de agitação. Os corações dos passageiros batiam tão alto que talvez se pudesse ouvi-los. De alguma forma, a silenciosa pausa era audivelmente expressiva para aquelas pessoas cuja expectativa lhes havia suspenso a respiração e acelerado o pulso.

O som de um cavalo a galope aproximava-se rápida e furiosamente.

— Uo-ho! — berrou o guarda, o mais alto que pôde. — Quem vem lá? Alto! Pare ou eu atiro!

O galope parou de súbito e, em meio ao ruído de cascos golpeando o solo lamacento, uma voz masculina soou na névoa:

— Essa é a mala-posta de Dover?

— Isso não é da sua conta! — o guarda retorquiu com maus modos. — Quem diabos é você?

É a mala-posta de Dover?

— Por que quer saber?

— Estou procurando um passageiro, se essa for a mala-posta...

— Que passageiro?

— O senhor Jarvis Lorry.

O nosso passageiro logo revelou que era aquele o seu nome. O guarda, o cocheiro e os outros dois passageiros fitaram-no com desconfiança.

— Fique onde está! — o guarda ordenou à voz na neblina. — Porque, se eu cometer algum engano, isso pode não ser muito bom para a sua saúde. O cavalheiro de nome Lorry queira responder-lhe.

— Qual é o problema? — perguntou o passageiro, então, com a voz ligeiramente trêmula. — Quem me procura? É você, Jerry?

(“Não gosto da voz desse Jerry, se for mesmo esse tal de Jerry”, resmungou o guarda para si mesmo. “É rouca demais...”)

— Sim, senhor Lorry.

— Qual é o assunto?

— Uma mensagem que lhe foi enviada de muito longe, T. & Cia.

— Eu conheço esse mensageiro, guarda — disse o senhor Lorry, descendo para a estrada. Observando-o com indiscrição, os outros dois passageiros imediatamente entraram na carruagem, fecharam a porta e aproximaram-se da janela. — Deixe que se aproxime, está tudo bem.

— Espero que esteja, mas não ponho minha mão no fogo por isso — o guarda falou, num áspero solilóquio. — Ei, você!

— Bem! Olá! — Jerry respondeu, mais rouco do que antes.

— Venha para cá bem devagar! Está me ouvindo? E se você tem armas na cela, não quero ver suas mãos chegarem perto delas. Como eu disse, sou danado

para cometer enganos, e quando eles ocorrem, tomam a forma de chumbo. Agora, deixe-me olhar para você.

As figuras de um cavalo e seu cavaleiro, enlameados desde os cascos de um até o topo do chapéu do outro, emergiram lentamente do turbilhão das brumas e se dirigiram para o lado da mala-posta onde estava o passageiro.

O cavaleiro curvou-se sobre o cavalo ofegante e, mantendo os olhos no guarda, estendeu ao passageiro um pequeno papel dobrado.

— Guarda! — chamou o passageiro num tom que transmitia segurança.

A atenta sentinela, com a mão direita na coronha do bacamarte erguido, a esquerda no cano e o olho no cavaleiro, respondeu com laconismo:

— Senhor.

— Não há motivo para apreensão. Eu pertenço ao Banco Tellson[18]. Você já deve ter ouvido falar no Banco Tellson, de Londres. Estou indo a Paris a negócios. Aqui está uma coroa para você beber alguma coisa. Posso ler o bilhete?

— Se não demorar, senhor.

Ele desdobrou o papel sob a luz da lanterna do coche e leu — primeiro para si mesmo e depois em voz alta:

— “Aguarde *Mam'selle* em Dover”. É uma mensagem curta, como pode ver. Jerry, diga que minha resposta é: “De volta à vida”. Jerry espantou-se.

— É uma resposta infernalmente estranha — ele comentou, com a voz ainda mais rouca.

— Leve esta mensagem de volta e saberão que a recebi com tanta certeza quanto se eu tivesse redigido um recibo. Vá o mais rápido que puder. Boa noite.

Com essas palavras, o passageiro abriu a porta da carruagem e entrou, não mais observado pelos companheiros, que, prudentemente, haviam tratado de esconder seus relógios e porta-níqueis dentro das botas e agora fingiam todos dormir. Sem outro propósito que o de evitarem o risco de ensejar alguma outra espécie de ação.

A carruagem voltou a sacolejar em frente, deixando-se tragar pelas espirais de névoa enquanto descia a colina. O guarda logo recolocou o bacamarte no baú e, tendo examinado o restante de seu conteúdo e as pistolas que trazia no cinturão, cuidou ainda de uma arca menor debaixo do assento, na qual havia algumas ferramentas de ferreiro, um par de archotes e um estojo de isca e pederneira. Viera munido de tal forma que, no caso de as lanternas da carruagem se apagarem num vendaval, o que acontecia eventualmente, ele teria apenas de fechar-se lá dentro, bater a pederneira no aço e manter a faísca bem perto da palha para obter uma luz com razoável segurança e facilidade (se tivesse sorte!) em cinco minutos.

— Tom — sussurrou por sobre o teto da carruagem.

— Sim, Joe.

— Você ouviu a mensagem?

— Ouvi, Joe.

— O que você entendeu?

— Não entendi nada daquilo, Joe.

— Que coincidência — o guarda murmurou —, nem eu.

Enquanto isso, Jerry, deixado sozinho na névoa e na escuridão, resolveu desmontar não só para que o animal descansasse mas para remover a lama de seu rosto e livrar-se da água acumulada nas abas do seu chapéu, que bem poderiam conter um meio galão. Ficou ali de pé, com as rédeas presas sob o braço enlameado, até que o ruído das rodas da mala-posta se tornasse inaudível e o sossego voltasse a apossar-se da noite. Então, virou-se e começou a descer o morro a pé.

— Depois daquele galope desde o Temple Bar[19], velha senhora, eu não confiarei em suas pernas enquanto não alcançarmos um terreno plano — disse o rouco mensageiro, lançando um olhar a sua égua. — “De volta à vida”. É uma mensagem danada de estranha! Quer saber de uma coisa, Jerry? Isso não lhe faria nenhum bem. Você estaria num apuro infernal se ressuscitar virasse moda, Jerry.

CAPÍTULO III

AS SOMBRAS DA NOITE

Um fato extraordinário a merecer reflexão é o de que cada ser humano se constitui num profundo e indecifrável enigma para todos os demais. Sempre que entro numa grande cidade à noite, considero com solene gravidade que todas aquelas casas fechadas e escuras encerram seu próprio segredo, que cada aposento em cada uma delas oculta um mistério, que cada coração pulsando nessas centenas de milhares de peitos esconde algum segredo para o coração que está a seu lado! Alguma coisa do horror, até mesmo da Morte, tem a ver com esse fato. Não mais posso virar as folhas daquele querido livro que amei e em vão pretendi ler. Não mais posso contemplar as profundezas dessas águas insondáveis nas quais, à luz fugaz dos relâmpagos, vislumbrava tesouros enterrados e outras preciosidades submersas. Estava escrito que o livro deveria fechar-se para todo o sempre, quando eu lera apenas uma página. Estava escrito que as águas se imobilizariam sob um gelo eterno, enquanto a luz brincava em sua superfície e eu me detinha, ignorante, às suas margens. Meu amigo está morto, meu vizinho está morto, meu amor, a eleita de minha alma, está morta; e essa é a inexorável consolidação e perpetuação do segredo que sempre existiu nessa individualidade, e que eu próprio também carregarei comigo até o fim da minha vida. Dormirá, nos cemitérios desta cidade por onde agora passo, alguém mais inescrutável do que é para mim qualquer de seus habitantes vivos e ativos, ou do que sou eu próprio para eles?

Em relação a essa natural e inalienável herança, o mensageiro a cavalo, como qualquer ser humano, tinha exatamente os mesmos direitos que o rei, o primeiro-ministro, ou o mais rico mercador de Londres. Do mesmo modo, os três passageiros fechados no exíguo compartimento da velha e sacolejante mala-posta representavam uns para os outros mistérios tão completos, como se cada qual seguisse em sua própria carruagem, separados pela distância de um condado.

O mensageiro voltou num trote leve, parando com demasiada freqüência nas tabernas ao longo do caminho para beber, embora demonstrasse a propensão de manter-se reservado, com o chapéu abaixado sobre os olhos. Olhos que se harmonizavam com essa postura soturna, exibindo uma superfície negra, sem profundidade na cor ou na forma, e demasiado próximos um do outro, como se temessem focalizar coisas diferentes, caso estivessem mais separados. Mostravam uma expressão sinistra sob a aba do velho chapéu de três pontas em formato de escarradeira e acima do comprido cachecol que lhe protegia o

queixo e a garganta, e ainda descia até quase os joelhos. Quando parava para um trago, abaixava um pouco o cachecol com a mão esquerda, enquanto emborcava a bebida com a outra. Assim que terminava a dose, voltava a ocultar o rosto.

— Não, Jerry, não! — dizia a si mesmo o mensageiro, repisando o tema enquanto cavalgava. — Isso não será bom para você, Jerry. Você é um honesto comerciante, e isso não combina com a *sua* linha de negócios! De volta à vida! Que um raio caia sobre mim se ele não estava embriagado!

A mensagem que levava assombrava-lhe a mente a tal ponto que, por diversas vezes, tirara o chapéu para coçar a cabeça. Com exceção da parte superior, que se mostrava quase calva, tinha cabelos negros pontudos, que se distribuíam pelo crânio e desciam pela testa até o nariz grande e achatado. Eles pareciam tanto o trabalho de um ferreiro, tanto mais as espículas que guarnecem certos muros, que o melhor dos puladores de carniça tê-lo-ia recusado, por considerá-lo obstáculo por demais ameaçador.

Enquanto Jerry trotava de volta com a mensagem que deveria entregar ao vigia noturno em sua guarita no Banco Tellson, perto de Templo Bar, o qual, por seu turno, a entregaria aos seus superiores no banco, as sombras da noite assumiam para ele formas que pareciam relacionar-se com a mensagem, enquanto a água as associava a seus próprios temores secretos. Que por certo eram muitos, pois ela refugava diante de cada sombra da estrada.

Enquanto isso, a mala-posta movia-se pesadamente, aos solavancos, chocalhando e batendo ao longo de seu tedioso caminho, levando em seu interior aqueles três passageiros, unidos e separados pelo mesmo mistério. Para eles, igualmente, as sombras da noite se revelavam nas formas que seus olhos sonolentos e seus devaneios sugeriam.

Também a sombra do Banco Tellson adejava sobre a mala-posta. Quando o passageiro, seu representante, com um braço passado através da correia de couro, que o impedia de cair sobre o companheiro ao lado, e que o mantinha em seu canto durante os solavancos bruscos da carruagem, cabeceou em seu lugar, com os olhos semicerrados, à pequena janela, com o clarão indistinto da lanterna do coche coando-se através dela e da figura volumosa do passageiro à frente; tudo se transformou no banco, num movimento febril de negócios. O chocalhar dos arreios era o tilintar das moedas, e foram honrados mais saques em cinco minutos do que mesmo o Tellson, a despeito de suas vastas conexões nacionais e estrangeiras, jamais pagou no triplo do tempo. Então, a casa-forte, nos subterrâneos do Tellson, com todos aqueles seus bens valiosos e segredos que o passageiro conhecia (e não era pouco o que sabia a esse respeito), abriu-se à sua frente, e ele, munido do grande molho de chaves e da fraca chama de uma vela, inspecionou-os uma vez mais, constatando que continuavam a salvo, sólidos e seguros, da mesma forma que os deixara da última vez.

Contudo, embora o banco estivesse sempre diante dele, e se apercebesse (de um modo difuso, como a dor sob o efeito do ópio) dos solavancos da carruagem, havia uma outra corrente de impressões que não o abandonara em um só momento no decorrer da noite. Ele estava a caminho de desencavar alguém de seu sepulcro.

Dentre a multidão de rostos que desfilavam à sua frente, as sombras da noite

não indicavam qual a verdadeira face da pessoa encerrada em seu túmulo; mas todas eram as faces de um homem de quarenta e cinco anos e diferiam principalmente nas paixões que expressavam e na aparência mais ou menos medonha de seu desgastado e consumido estado. Arrogância, desdém, desafio, obstinação, submissão e pesar sucediam-se, bem como as variedades de faces encovadas, cores cadavéricas, mãos e vultos emaciados. Era, entretanto, sempre a mesma fisionomia na face que se destacava a cada vez, e todas elas apresentavam a cabeça prematuramente encanecida. Uma centena de vezes o sonolento passageiro inquiriu ao espectro:

- Sepultado há quanto tempo? A resposta era sempre a mesma:
- Quase dezoito anos.
- Já abandonou toda esperança de ser desenterrado?
- Há muito tempo.
- Sabe que foi chamado de volta à vida?
- Eles me disseram.
- Tem vontade de viver?
- Não sei mais.
- Devo trazê-la até você? Concordaria em vê-la?

As respostas a essa indagação eram diversas e contraditórias. Algumas vezes, a réplica denotava desalento:

- Espere! Vê-la tão cedo por certo me mataria! Outras vezes, chegava em meio a um pranto enternecido:
- Leve-me até ela. Ou então, com o olhar fixo e aturdido:
- Eu não a conheço. Não entendo.

Depois desse diálogo imaginário, o passageiro, em sua fantasia, começava a cavar, e cavar, ora com uma pá, ora com uma grande chave, ora com as próprias mãos, a desencovar a miserável criatura. Finalmente fora do túmulo, com terra grudada nas faces e nos cabelos, ela de súbito se desintegrava, reduzindo-se a pó. O passageiro então despertava com um estremecimento, e abria a janela, para sentir a realidade da chuva e da névoa fustigando o seu rosto.

Todavia, mesmo com os olhos abertos para a névoa e para a chuva, para o rastro de luz das lanternas, e a mar-gem da estrada recuando aos saltos, as sombras da noite lá fora penetravam na carruagem e se misturavam com as sombras da noite em seu interior. A casa bancária real, perto de Temple Bar, os negócios reais do dia anterior, a casa-forte real, o mensageiro real que fora enviado em seu encaço e a mensagem real que despachara, tudo jazia ali nas sombras. E dessas brumas sombrias emergia a face fantasmagórica, a quem ele novamente perguntava:

- Sepultado há quanto tempo?
- Quase dezoito anos.
- Tem vontade de viver?
- Não sei mais.

Cavar, cavar, cavar, até que um movimento impaciente de um dos dois passageiros o advertia a fechar a janela, passar o braço com firmeza pela correia de couro e especular sobre aquelas duas figuras adormecidas, não demorando que seus contornos se esmaecessem e sua mente se distanciasse,

deslizando novamente para o banco e o sepulcro.

— Sepultado há quanto tempo?

— Quase dezoito anos.

— Já perdeu toda esperança de ser desenterrado?

— Há muito tempo.

As palavras ainda ressoavam em seus ouvidos como se recém-pronunciadas, tão distintas como jamais tinham sido as outras proferidas em sua vida, quando o exausto passageiro despertou para a lucidez do dia e percebeu que as sombras da noite se haviam dissipado.

Abriu a janela e olhou para o sol que nascia. Avistou um cômodo de terra lavrada, com um arado no lugar onde fora deixado na noite anterior, quando tiraram o jugo dos cavalos. Além, um pequeno bosque, no qual muitas folhas em tons de vermelho-vivo e amarelo-dourado ainda permaneciam nas árvores. Embora a terra estivesse fria e úmida, o céu mostrava-se claro e o sol levantava-se brilhante, plácido e belo.

— Dezoito anos! — murmurou o passageiro, contemplando o sol. — Louvado Criador do dia! Ficar enterrado vivo por dezoito anos!

CAPÍTULO IV

APREPARAÇÃO

Quando a mala-posta chegou finalmente a Dover, já adiantada a manhã, o chefe da recepção do Hotel Royal George[20] abriu a porta da carruagem, como era seu costume. Fê-lo com alguma cerimônia, uma vez que a jornada numa malaposta de Londres a Dover no inverno era proeza digna de congratulações para o intrépido viajante.

Àquela altura, só sobrara um viajante aventureiro para ser parabenizado, já que os outros dois haviam descido na estrada, em seus respectivos destinos. O bolorento interior da carruagem, com a palha úmida e suja, seu odor desagradável e imerso na obscuridade, tinha a aparência de um grande canil, e o passageiro, senhor Lorry, sacudindo-se para livrar-se da palha grudada, numa mistura confusa de abrigo peludo, chapéu desabando nas orelhas e pernas enlameadas, parecia alguma espécie de grande mastim.

— Haverá um pacote para Calais amanhã? — perguntou ao empregado do hotel.

— Sim, senhor, se o tempo se mantiver firme e o vento não atrapalhar. A maré estará bastante propícia por volta das duas da tarde, senhor. Pretende repousar agora?

— Não, só à noite. Mas gostaria de um quarto e de um barbeiro.

— E depois, o almoço, senhor? Sim, senhor. Por aqui, senhor, por favor. Conduzam este cavalheiro até o Concord![21] Levem sua valise e providenciem água quente. Tirem-lhe as botas. (Encontrará um bom fogo ardendo na lareira, senhor.) Vão buscar o barbeiro e mandem-no para o Concord. Andem, mexam-se!

O Concord era habitualmente reservado para os passageiros da mala-posta, e como estes chegavam sempre envoltos dos pés à cabeça em roupas pesadas, o quarto apresentava um interesse especial para o pessoal do Royal George, pois embora fossem vistas nele entrando sempre pessoas com as mesmas características, dele saíam os tipos mais diversos e variados. Conseqüentemente, outro criado da recepção e dois carregadores, além de várias camareiras e da governanta, estavam todos demorando-se de forma casual em diversos pontos do percurso entre o Concord e a sala de refeições quando um cavalheiro de sessenta anos, formalmente vestido num traje marrom, um tanto usado, mas muito bem conservado, com grandes punhos quadrados e abas largas nos bolsos, passou a caminho do almoço.

Não havia nenhum outro freguês no refeitório, naquela manhã, além do

cavalheiro de marrom. Sua mesa estava posta em frente à lareira, e ele sentou-se, aguardando a refeição, com a luz das chamas refletindo-se em seu semblante, tão imóvel que parecia ali estar para posar para um retrato.

Afigurava-se muito ordeiro e metódico, com as mãos nos joelhos e um ruidoso relógio tiquetaqueando um sermão sonoro sob o colete, como se opusesse sua gravidade e longevidade à leveza e fugacidade do fogo crepitante. Ele possuía pernas bem feitas, e parecia orgulhar-se um pouco disso, por suas meias castanhas, macias e justas, de fina textura. Seus sapatos e fivelas, apesar de simples, revelavam o mesmo esmero. Usava uma vistosa peruca da cor do linho, lustrosa e ondulada, pequena e bem ajustada na cabeça, que pretendia imitar cabelos verdadeiros, mas parecia tecida de filamentos de seda ou de cristal. A camisa de linho, embora de qualidade inferior à das meias, mostrava-se branca como a crista das ondas que quebravam na praia vizinha, ou as velas que refulgiam no mar ao longe, sob o sol. O rosto, habitualmente sereno e contido, era iluminado, sob a delicada peruca, por um par de olhos vivos e brilhantes, que por certo tinham custado a seu dono, em tempo idos, um grande esforço para reduzi-los à expressão impessoal e reservada do Banco Tellson. Suas bochechas exibiam um colorido saudável e a face, a despeito das rugas, apresentava poucas marcas de ansiedade. Mas talvez os discretos solteiros do Banco Tellson se ocupassem principalmente das inquietações alheias e, possivelmente, das preocupações de segunda mão, como as roupas de segunda mão, que se desgastam com mais facilidade.

Completando a semelhança com alguém posando para um retrato, o senhor Lorry acabou por adormecer. A chegada do almoço despertou-o, e ele disse ao criado, puxando mais a cadeira na direção da mesa:

— Gostaria que fossem preparadas acomodações para uma jovem senhora que deve chegar a qualquer momento. Ela perguntará pelo senhor Jarvis Lorry, ou apenas por um cavalheiro do Banco Tellson. Por favor, avise-me quando isso acontecer.

— Sim, senhor. O Banco Tellson de Londres, senhor?

— Exatamente.

— Sim, senhor. Nós temos com freqüência a honra de hospedar os cavalheiros do Tellson em suas jornadas entre Londres e Paris. Viaja-se bastante, senhor, no Banco e na Companhia Tellson.

— É verdade. Somos uma companhia quase tão francesa quanto inglesa.

— Sim, senhor. Mas parece-me que não costuma viajar muito, senhor.

— Não ultimamente. Faz quinze anos que nós... que eu... estive na França.

— É mesmo, senhor? Foi antes do meu tempo aqui. Antes de todo o pessoal do hotel, senhor. O George pertencia a outro dono naquela época, senhor.

— Creio que sim.

— Mas sou capaz de apostar que uma casa como a Tellson e Companhia já devia florescer há cinqüenta anos, quanto mais há quinze, senhor.

— Pois pode triplicar esse tempo e apostar em cento e cinqüenta que não estaria longe da realidade.

— Realmente, senhor?

Arregalando a boca e os olhos, enquanto se afastava alguns passos da mesa,

o garçom mudou o guardanapo do braço direito para o esquerdo, assumiu uma postura confortável e permaneceu ali, inspecionando o hóspede enquanto ele comia e bebia, como se estivesse no alto de um observatório ou de uma torre de vigia. Seguiu o costume imemorial dos garçons de todas as eras.

Depois de terminada a refeição, o senhor Lorry saiu para uma caminhada pela praia. A pequena, estreita e recurvada cidade de Dover escondia-se da orla e enterrava a cabeça nos penhascos de calcário como uma espécie marinha de avestruz. A praia era um deserto transbordante de ondas e pedras que se entrecrocavam selvagememente, e o mar fazia o que desejava, e o que desejava era destruição. Estrondeava aos pés da cidade e bramia contra os rochedos, arremetendo de encontro à costa, de uma forma insana. O ar que circulava entre as casas possuía um cheiro tão forte de maresia que se poderia supor que peixes doentes haviam subido para nele mergulhar, assim como as pessoas enfermas desciam para os banhos de mar. Praticava-se a pesca em pequena escala no porto e passeava-se muito à noite, para admirar as águas do canal, especialmente quando a maré estava alta, quase transbordante. Viam-se ali pequenos comerciantes que não faziam negócios de espécie alguma, mas que, por vezes, e de forma inexplicável, acumulavam grandes fortunas; e era digno de nota que ninguém nas cercanias visse com bons olhos os acendedores de lampiões.

À medida que o dia declinava pela tarde a dentro e o tempo, que se mostrara a intervalos claro o suficiente para que se pudesse avistar a costa francesa, voltava a tornar-se nevoento, os pensamentos do senhor Lorry também tomavam um rumo umbroso. Quando escureceu finalmente, e estava sentado em sua mesa defronte da lareira, aguardando o jantar, na mesma imobilidade com que aguardara o almoço, sua mente ocupava-se em cavar, cavar e cavar entre as brasas de um vermelho-vivo.

Uma garrafa de bom clarete após o jantar não pode fazer mal a um escavador nos carvões incandescentes, mas tem o condão de afastá-lo de sua estranha tarefa. O senhor Lorry quedou-se, por um longo tempo, preso de agradável lassidão e, mal terminara de encher o último copo, exibindo aquela expressão de satisfação completa que é sempre encontrada num idoso mas saudável cavalheiro que chega ao final de uma garrafa, quando o estrépito das rodas de uma carruagem invadiu a rua estreita e estrondeou no pátio da hospedaria.

Ele pousou o copo intocado sobre a mesa.

— Deve ser *Mam'selle!* — murmurou.

Poucos minutos depois, o garçom veio anunciar que a senhorita Manette havia chegado de Londres e apreciaria encontrar-se com o cavalheiro do Tellson.

— Tão cedo?

A senhorita Manette repousara um pouco na estrada, portanto não necessitava de descanso, e estava extremamente ansiosa para ver o cavalheiro do Tellson de imediato, se isso não o incomodasse.

O cavalheiro do Tellson pôde apenas esvaziar o copo com um ar de exasperada resignação e ajustar a peruca loura sobre as orelhas antes de seguir o garçom ao aposento da senhorita Manette. Este era um quarto grande e sombrio, mobiliado em estilo funéreo com guarnições de crina preta e carregado com

pesadas mesas escuras, que haviam sido untadas e esfregadas até a grande mesa no centro refletir a luminosidade mortiça dos dois candelabros pousados sobre seu tempo. Era como se estivessem enterrados em profundos jazigos revestidos de mogno negro e nenhuma outra luz se pudesse esperar deles até que fossem exumados.

A obscuridade era tão difícil de penetrar que o senhor Lorry, tateando o caminho através do surrado tapete persa, supôs que a senhorita Manette estivesse em algum quarto vizinho, até que, tendo passado pelos dois candelabros, avistou-a de pé para recebê-lo, entre a mesa e a lareira, uma jovem de não mais de dezessete anos[22], num traje de via-gem, ainda tendo nas mãos, seguro pelas fitas, o chapéu de palha que acabara de tirar. Quando seus olhos focalizaram a pequena, esguia e graciosa figura, uma nuvem de cabelos dourados, um par de olhos azuis que se cruzaram com os dele numa interrogação muda, e uma testa dotada da singular capacidade (fazendo lembrar quão jovem e suave era) de erguer-se e tecer expressões que não se limitavam à perplexidade, curiosidade ou receio, nem mesmo a uma atenção fixa, mas constituíam uma mescla das quatro emoções, quando seus olhos focalizaram todos esses detalhes, invadiu-lhe a mente a súbita e vívida imagem de uma criança que ele tomara nos braços durante a travessia do mesmo canal num dia muito frio, com o granizo caindo sobre o mar encapelado. A percepção da semelhança durou apenas um segundo, como um sopro na superfície do lúgubre espelho atrás dela, em cuja moldura desfilava uma louca procissão de cupidos negros, muitos sem cabeça e todos estropiados, que ofereciam cestas negras de frutos do Mar Morto a negras divindades femininas. Ele curvou-se numa reverência perante a senhorita Manette.

— Sente-se, por favor, senhor — Numa voz límpida, jovem e agradável. Um ligeiro, ligeiríssimo, sotaque estrangeiro.

— Beijo-lhe a mão, senhorita — replicou o senhor Lorry, com os modos de um cortejador antiquado, ao proceder a uma nova e formal reverência antes de sentar-se.

— Recebi ontem uma carta do Banco comunicando que uma informação ou descoberta...

— A denominação não importa, senhorita, ambas as palavras são adequadas.

— ...a respeito de uma pequena propriedade de meu pobre pai, que não conheci, morto há tanto tempo...

O senhor Lorry remexeu-se na cadeira, lançando um olhar perturbado à extravagante procissão de cupidos negros. Como se *eles* pudessem ajudar quem quer que fosse com aquelas cestas absurdas! — ...entenderam ser necessário que eu fosse a Paris e entrasse em contato com um cavalheiro do Banco, que gentilmente se dispôs a viajar para lá com esse único propósito.

— Eu mesmo.

— Era o que esperava ouvir, senhor.

A senhorita Manette inclinou a cabeça numa mesura (as jovens faziam mesuras, naqueles dias), no afã de transmitir-lhe o quanto o reputava mais velho e sábio do que ela. Ele ofereceu-lhe mais uma reverência.

Eu respondi ao Banco, senhor, que, uma vez que pessoas experientes entenderam necessária minha ida à França, e tiveram a bondade de advertir-me disso, e como sou uma órfã sem nenhum amigo que possa acompanhar-me, apreciaria muito se concordassem em que eu me colocasse sob a proteção desse amável cavalheiro. Soube que ele já havia deixado Londres, mas creio que lhe enviaram uma mensagem para que me aguardasse aqui.

— Fiquei feliz por ser encarregado da missão. Ficarei mais feliz ainda em executá-la.

— Senhor, eu lhe agradeço realmente. Agradeço-lhe profunda e sinceramente. O Banco me avisou que o senhor me explicaria todos os detalhes do negócio e preveniu-me que os consideraria surpreendentes. Preparei-me o melhor que pude e, sem dúvida, estou fortemente interessada e ansiosa por saber que detalhes são esses.

— É claro — concordou o senhor Lorry. — Sim... eu...

Após uma pausa, acrescentou, ajustando outra vez a peruca frisada sobre as orelhas.

— É muito difícil começar.

Ele não começou, mas, em sua indecisão, encontrou o olhar. A testa da jovem ergueu-se naquela expressão singular — que também era encantadora e característica — e ela suspendeu a mão, como se, com aquele gesto involuntário, pudesse capturar ou deter alguma sombra fugidia.

— O senhor é realmente um desconhecido para mim?

— E não sou? — O senhor Lorry abriu as mãos, estendendo-as para a frente com um sorriso sugestivo.

Entre as sobrancelhas e um pouco acima do pequeno nariz feminino, da linha mais fina e delicada, a expressão aprofundou-se. Ela, que até então estivera de pé, acomodou-se pensativamente na cadeira. Ele observou-a refletir e, no instante em que a moça tornou a levantar os olhos, prosseguiu:

— Senhorita Manette, presumo que, em seu país adotivo, o melhor a fazer é dispensar-lhe o tratamento adequado a uma jovem inglesa?

— Se preferir, senhor.

— Senhorita Manette, sou um homem de negócios e tenho um para resolver com a senhorita. Ao ouvir-me, peço-lhe que não me dê mais atenção do que daria a uma máquina que fala, na verdade, não sou muito mais do que isso. Com sua permissão, eu lhe relatarei a história de um de nossos clientes.

— História!

O senhor Lorry intencionalmente pareceu ter confundido a palavra que ela repetiu, quando prosseguiu, apressado:

— Sim, cliente. Nos negócios financeiros, usualmente chamamos de “clientes” as pessoas com quem mantemos conexões. Esse de quem falo era um cavalheiro francês. Cientista, homem de grande erudição... um doutor.

— Não era de Beauvais, pois não?

— Ora, sim, de Beauvais. Como o *monsieur* Manette, seu pai, o cavalheiro era de Beauvais. E a exemplo de seu pai, *monsieur* Manette, ele gozava de grande reputação em Paris. Eu tive a honra de conhecê-lo lá. Nossas relações eram de natureza comercial, mas confidenciais. Eu estava naquela época em

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Conto de Duas Cidades" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).